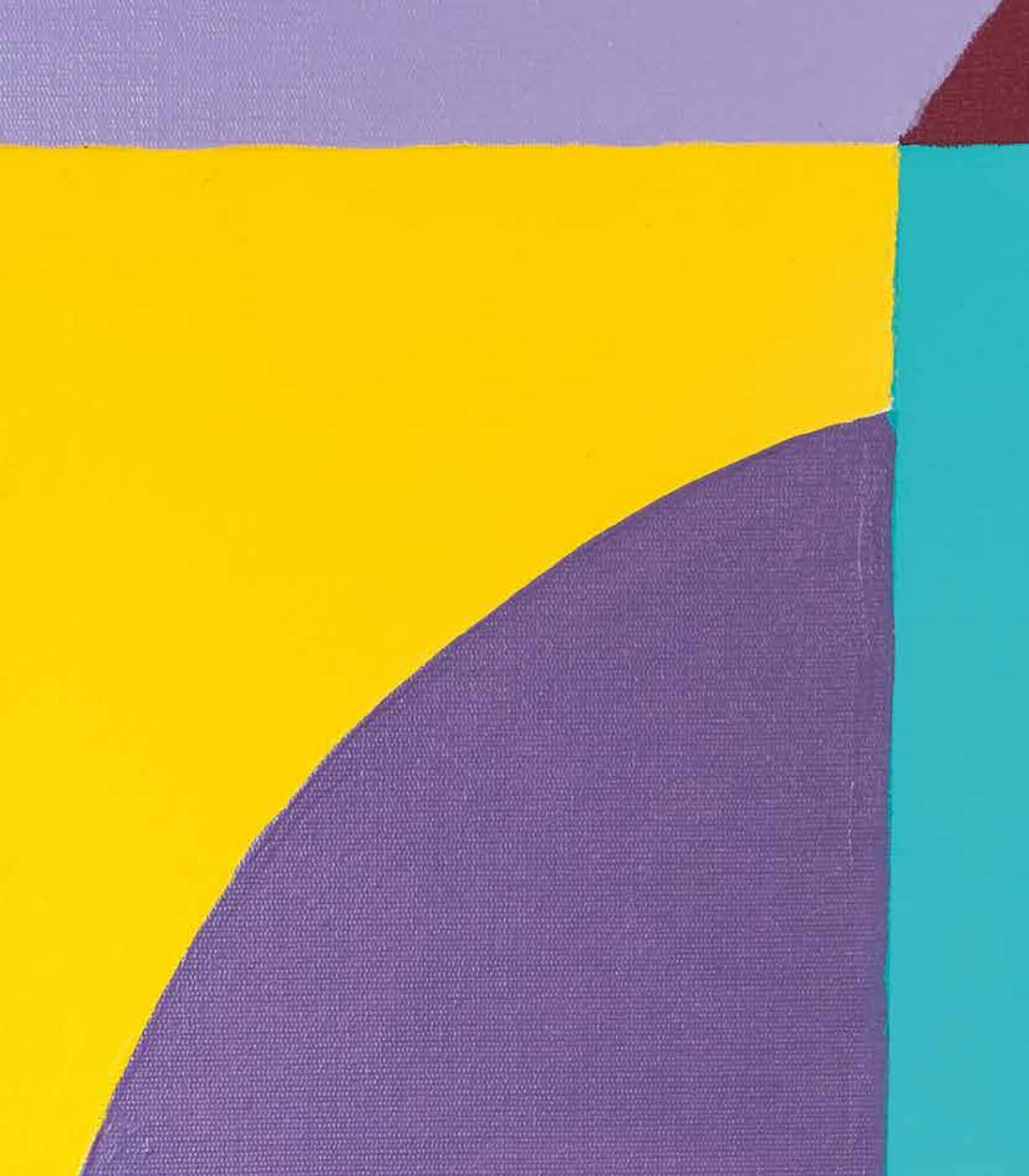
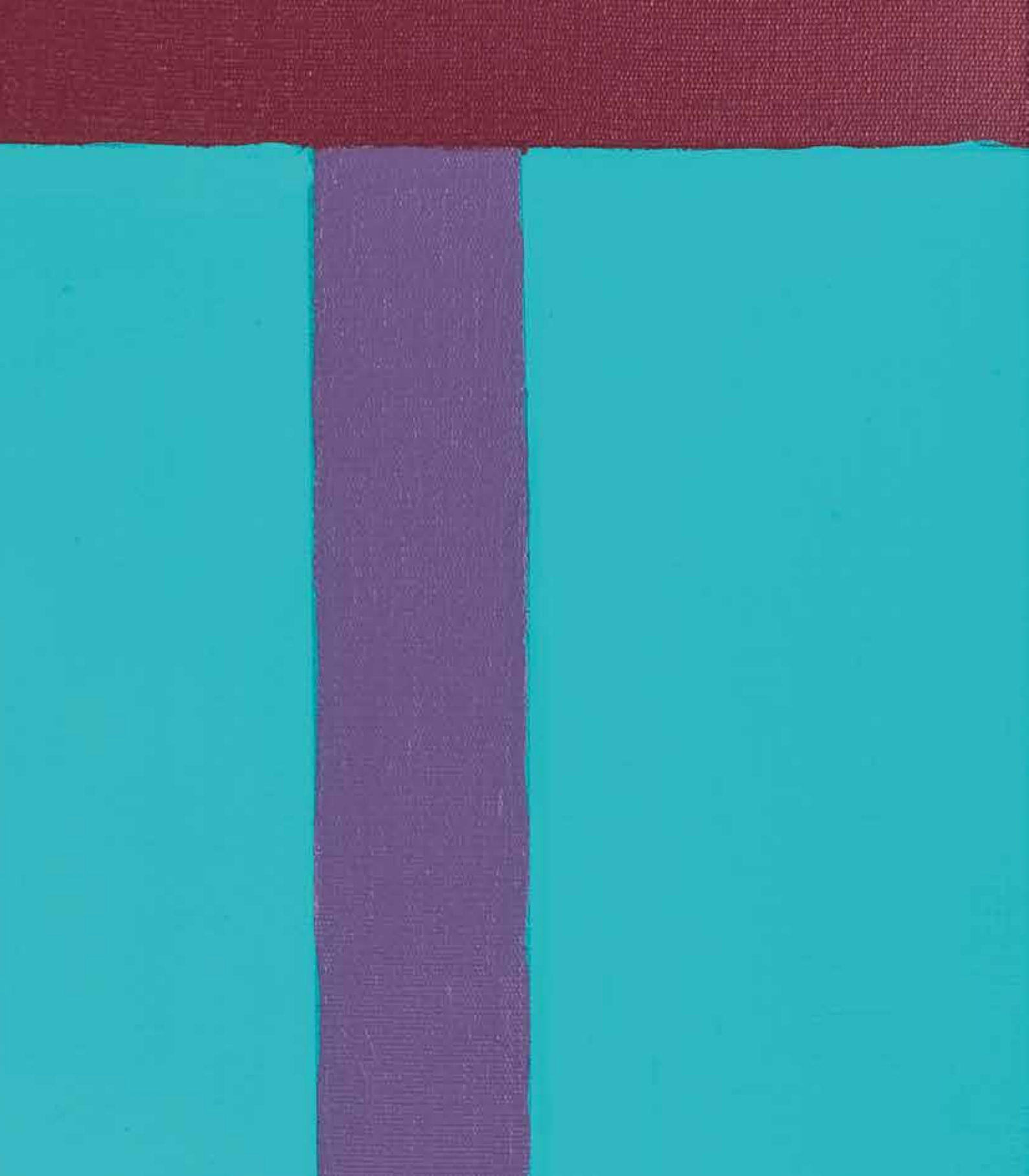


RONALD
SIMON

PINTURAS
COMETIDAS









RONALD SIMON

PINTURAS COMETIDAS

7
Apresentação

Juliane Fuganti

13
Pinturas Cometidas

Eliane Prolik

17

André Rigatti

18
Obras

108
Entrevista

Eliane Prolik em conversa com Ronald Simon

112
Biografia



Sem Título | 2000 | acrílica sobre aglomerado de madeira | 52,8 x 71,4 cm | coleção do artista

Esta exposição percorre diferentes momentos da produção de Ronald Simon, oferecendo uma leitura expandida de suas escolhas estéticas e conceituais. Ao estabelecer conexões entre fases distintas de seu percurso, evidencia um contínuo diálogo entre passado e presente, memória e invenção.

Nascido no Recife, Simon desenvolveu sua produção artística em Curitiba e contribuiu com nosso meio artístico cultural, onde atuou como professor formando gerações de artistas, e participando da gestão de instituições públicas e museus.

Pintor essencialmente colorista de grande representatividade nacional, apresenta obras de cunho geométrico que dialogam com uma releitura de nosso cotidiano e demonstram a maturidade do artista.

Estão expostas mais de 50 obras, produzidas entre 1987 e 2025, entre elas pinturas recentes e inéditas. Uma das séries de trabalhos atuais pertence ao período recluso da pandemia, trazendo uma ideia de paisagem aberta e esquemática, uma espécie de propulsão do nosso horizonte. Outra pesquisa do artista ultrapassa a bidimensionalidade pictórica do quadro, com seus objetos tridimensionais ativos, que demarcam a potência de sua poética. Em suas aquarelas sobre papel, destaca-se a fluidez das cores.

Pinturas Cometidas é uma mostra individual que, além da pertinência da produção contemporânea paranaense ante a realidade, traz ao Museu de Arte Contemporânea do Paraná a força de parcerias significativas dentro de nosso contexto cultural, em que um coletivo de artistas, estudantes e empresas tornou possível essa realização.

Juliane Fuganti
Diretora do MAC-PR









11



12



13

PINTURAS COMETIDAS

Na obra de Ronald Simon, a pintura é aquela de fora, da exterioridade e do não corpo, que está unida ao próprio mundo em constante andança, simultaneamente aderida e deslocada. Reflexo da vida urbana traduzida em “cogito logo existo”, em uma geometria amolecida. O espaço do quadro e a própria produção do artista possuem um rumo contínuo de despojamento. A sua superficialidade é aquela delatada por nós, cometida e colapsada. E no contrassenso, podemos enxergar algo de pop nas abstrações e geometrias, um sem mistério, frescura ou fascínio, não é tradicionalista de antemão, é uma técnica “arranjada” de construção, e nada mais brasileiro do que esse aspecto.

O que enxergamos, de modo transitivo, na arte do Ronald, é uma presença do senso comum, do cotidiano reativado, isto é, um popular após tantos pós-, trans-, paródias e citações. O que se insere fortemente na contemporaneidade, inclusive por sua escolha de materiais simples na fatura de sua arte.

O acaso acontece. A fatura é imediata e investigativa, a obra aponta um tempo, ou um aspecto temporal específico, relacionado ao presente, que não deseja estar nas reminiscências ou afastamentos inócuos, e nem mesmo acreditar em uma organização mandatória para o futuro. Podemos usufruir de uma noção ativa de troca, do lado a lado em justaposição, com a dificuldade e a pluralidade do outro. Ronald opera com uma colagem ou “grude” do mundo, com um ato a ser ação, cometido.

O projeto da obra do artista tem a abrangência de operações que designam segmentos interligados, colagens por agregação, gerando a contravenção da não hierarquia, em que nada manda em nada, e no qual se constroem aberturas de sentidos para a leitura de suas obras. Enfim, um colorista é relacional, por natureza e alma.

Eliane Prolik
Curadora da mostra



Sem Título | 2019 | acrílica sobre tela | 100 x 125 cm | coleção particular



Sem Título | 2021 | acrílica sobre tela | 70 x 60 cm | coleção do artista

Na exposição *Pinturas Cometidas*, apresentada no Museu de Arte Contemporânea do Paraná, pinturas, objetos e aguadas sobre papel revelam o modo pelo qual Ronald Simon apreende o mundo e o espaço cotidiano, por meio de uma intuição perceptiva de suas densidades cromáticas. Embora não se configure como uma retrospectiva, a mostra parte de trabalhos recentes e nos conduz progressivamente ao longo das quatro últimas décadas, culminando em obras pontuais produzidas desde os anos 1980, pertencentes tanto ao acervo pessoal do artista quanto às coleções públicas do Museu de Arte Contemporânea do Paraná e do Museu Oscar Niemeyer.

Formada por um olhar atento às referências oriundas de espaços concretamente vivenciados, a pintura de Ronald se configura como memória em confluência e superfície implicada. A cor, elemento central em todas as séries de sua produção, é elaborada e experienciada diretamente sobre o plano, emergindo da vida do artista. Torna-se membrana formada por resquícios provenientes de uma arquitetura popular, de cartazes ou murais e de festejos urbanos.

Nesse regime, a cor institui sua força enquanto fenômeno perceptivo, instaurando uma topologia como matéria viva. Sobre a bidimensionalidade da tela, ou sobre o relevo dos objetos, ela engendra a geometria e densifica a planaridade. Sangra e propõem uma espécie de continuação e infinitude para fora e ao redor da tela, pelas bordas do suporte ou em contornos recortados de relevos. Assim, acentua-se um sentido de instabilidade, no qual os planos parecem vibrar e se deslocar, sugerindo manobras à imaginação que prolongam a pintura para além de seus limites materiais. Nesse contexto, a cor, aliada à geometria, absorve ritmos do espaço concreto e os metaboliza.

Nos trabalhos sobre papel, a fluidez das aguadas assume um caráter mais orgânico e enredado. Cada pincelada revela texturas transparentes que se sobrepõem em diálogo com a solidez delineada de outras formas e áreas. Essa interação ativa linhas e une pintura e desenho, instaurando um campo de ressonâncias.

Por fim, nos deparamos com uma pesquisa pictórica em que a cor adquire estatuto ontológico, configurando-se como princípio gerador de espacialidades. A cor excede e tensiona, é um campo de contato. Sua tangibilidade chega até nós como membrana que implica a cor como história, como identidade e como tempo depositado na matéria.

André Rigatti
Curador da mostra

Sem Título | 2024 | acrílica sobre tela | 80 x 80 cm | coleção do artista





Sem Título | 2025 | acrílica sobre tela | 40 x 40 cm | coleção do artista

Sem Título | 2025 | acrílica sobre tela | 40 x 40 cm | coleção do artista



Sem Título | 2025 | acrílica sobre tela | 40 x 40 cm | coleção do artista

Sem Título | 2025 | acrílica sobre tela | 40 x 40 cm | coleção do artista

Sem Título | 2023-24 | acrílica sobre tela | 90 x 90 cm | coleção do artista



Circus | 2024 | acrílica sobre tela | 80 x 80 cm | coleção do artista





Sem Título | 2023 | acrílica sobre tela | 60 x 80 cm | coleção do artista

Sem Título | 2018 | acrílica sobre tela | 80 x 120 cm | coleção do artista









Pág. anterior > **Sem Título** | 2008 | acrílica sobre tela | 100 x 150 cm | coleção do artista

Sem Título | 2008 | acrílica sobre tela | 100 x 150 cm | coleção do artista





Pág. anterior > **Sem Título** | 2018 | acrílica sobre tela | 80 x 120 cm | coleção do artista
Sem Título | 2018 | acrílica sobre tela | 80 x 100 cm | coleção particular

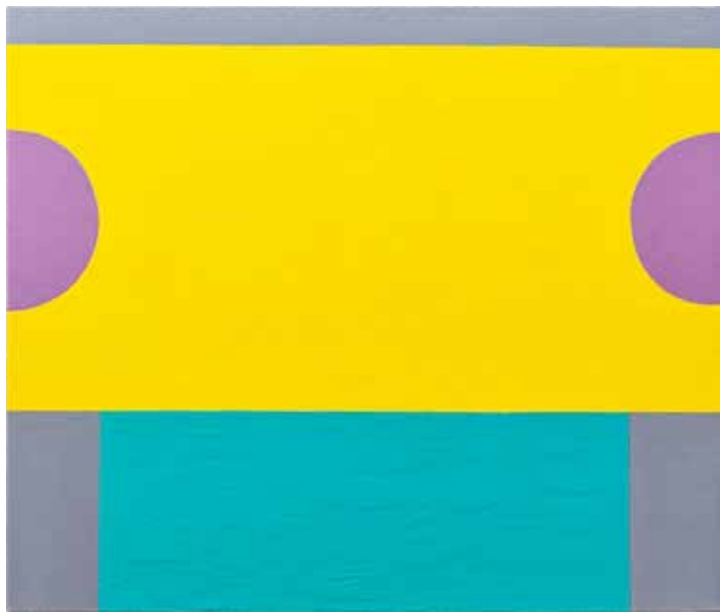


Sem Título | 2018 | acrílica sobre tela | 80 x 100 cm | coleção do artista



Sem Título | 2018 | acrílica sobre tela | 60 x 70 cm | coleção do artista





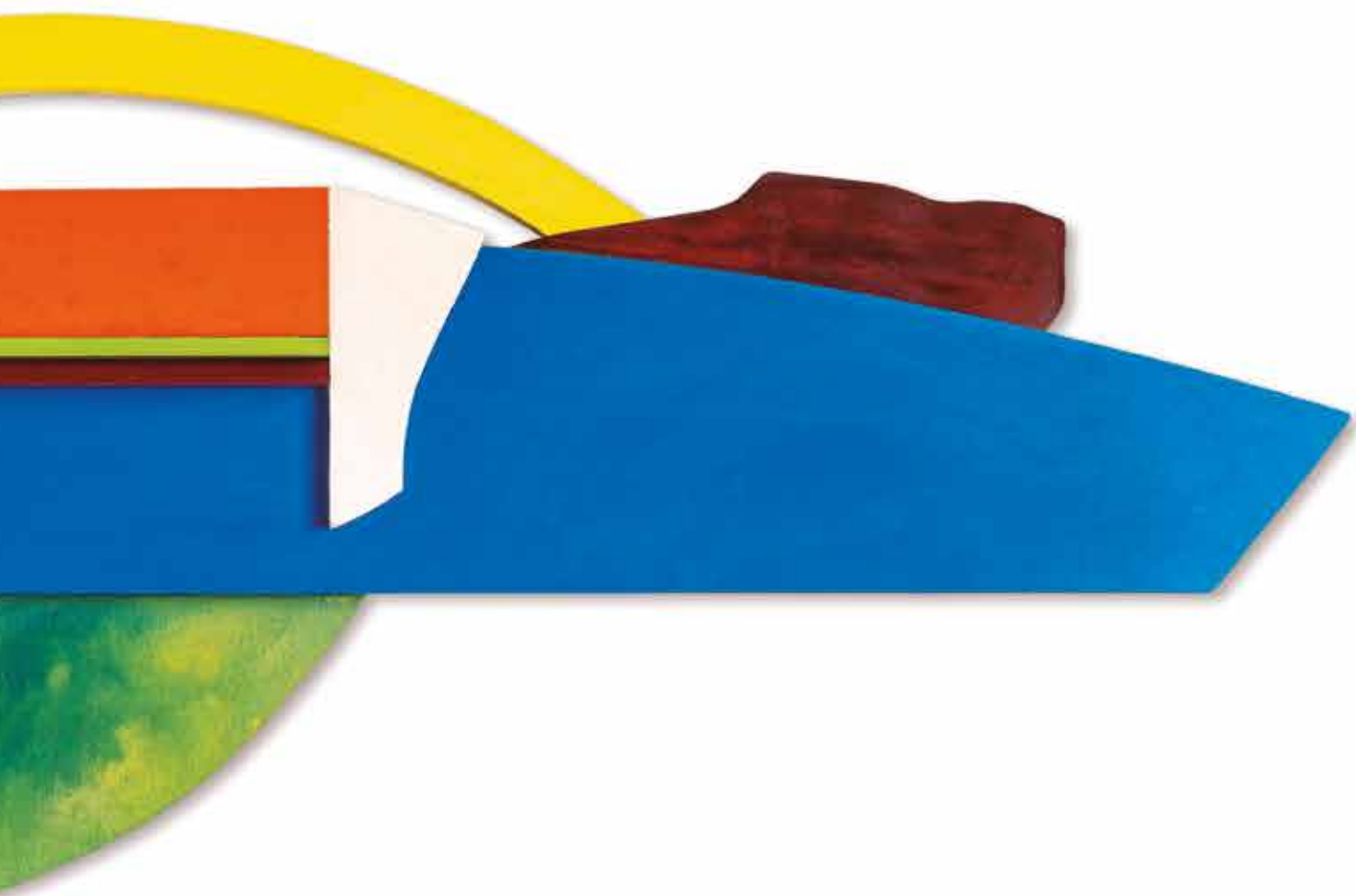
Sem Título | 2018 | acrílica sobre tela | 60 x 70 cm | coleção do artista

Sem Título | 2018 | acrílica sobre tela | 60 x 60 cm | coleção do artista

Sem Título | 2018 | acrílica sobre recorte de madeira, borracha sintética e EVA | 63 x 20 x 3,8 cm | coleção do artista







Pág. anterior > **Sem Título** | 2008 | acrílica sobre recorte de madeira, azulejo e couro | 32 x 130 x 5 cm | coleção do artista
Sem Título | 2018 | acrílica sobre recorte de madeira, tubox e camurça | 62 x 17 x 4,2 cm | coleção Janaína Leão

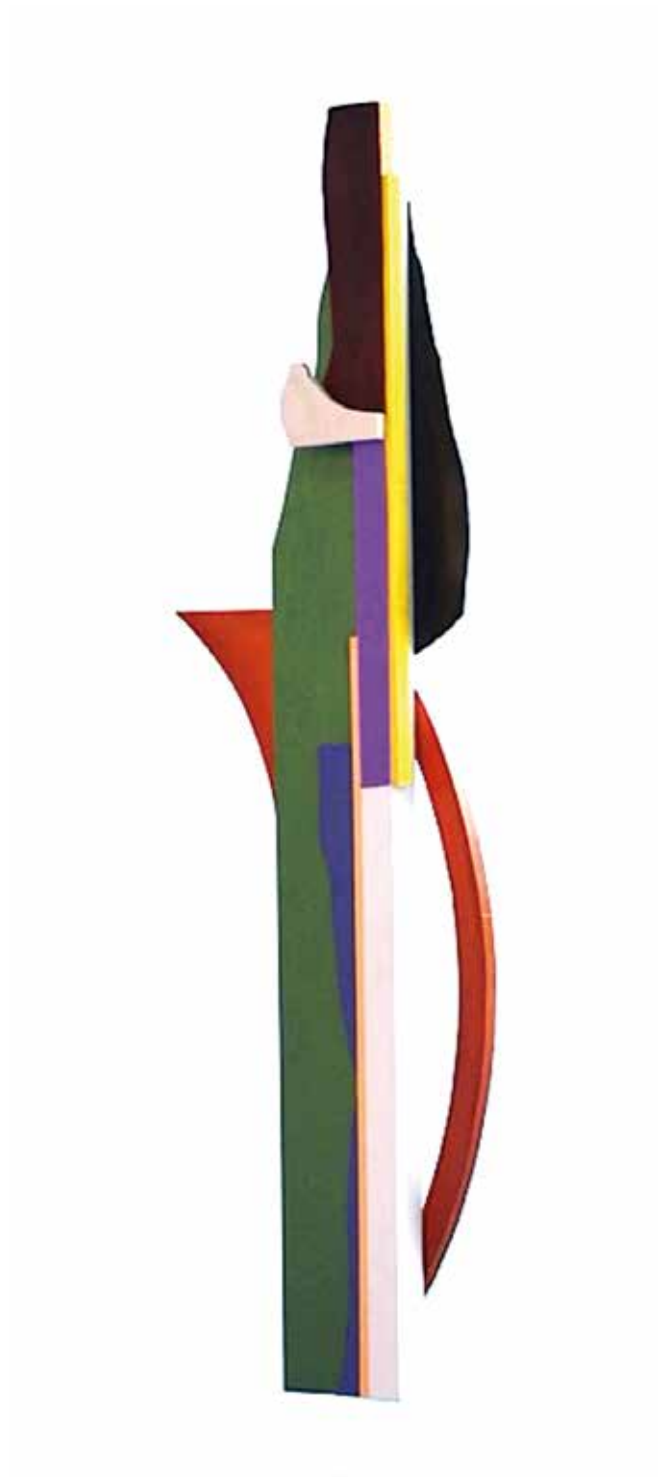




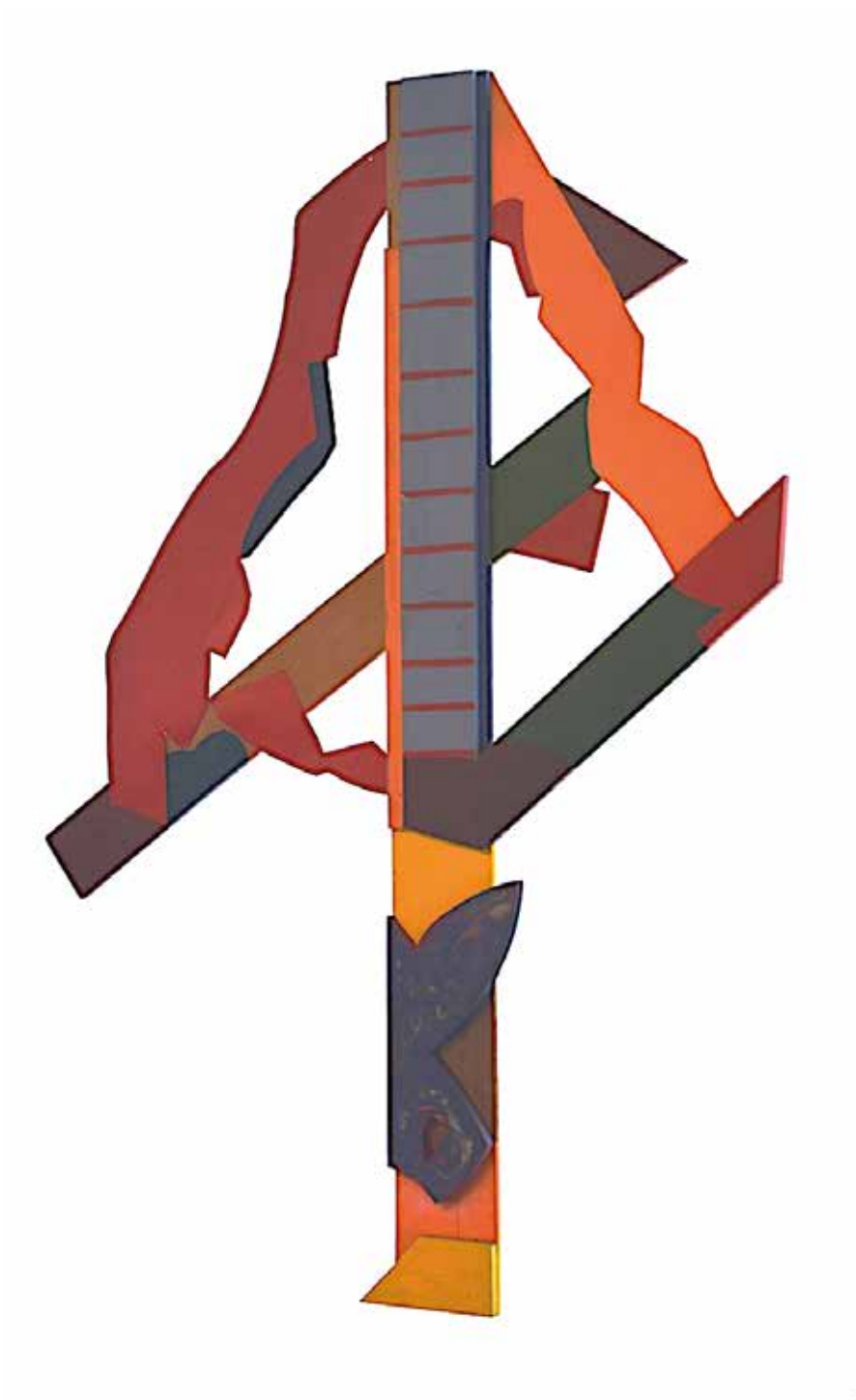
Sem Título | 2018 | acrílica sobre recorte de madeira, tubox, camurça e EVA | 76 x 24 x 4,5 cm | coleção do artista

Sem Título | 2018 | acrílica sobre recorte de madeira e camurça | 60 x 20 x 5 cm | coleção Janaína Leão





Sem Título | 2009 | acrílica sobre recorte de madeira, azulejo, couro e tela | 145 x 38 cm | acervo Museu Oscar Niemeyer



Sem Título | 1987 | acrílica e esmate sintético sobre recorte de madeira e lâmina de metal | 100,3 x 80,1 cm | coleção Museu de Arte Contemporânea do Paraná





Inútil Paisagem | 2024 | acrílica sobre recorte de madeira, adesivo vinílico e tubox | 28 x 54,5 x 7 cm | coleção do artista

Pág. anterior > **Sem Título** | 2024 | acrílica sobre recorte de madeira, adesivo vinílico e tubox | 18 x 51,5 x 9 cm | coleção do artista



Paisagem Imaginada | 2022 | acrílica sobre tela | 50 x 50 cm | coleção do artista



Sem Título | 2021 | acrílica e esmalte sintético sobre tela | 50 x 70 cm | coleção Laelia Tonhozi



Sem Título | 2021 | acrílica e esmalte sintético sobre tela | 50 x 60 cm | coleção Soraia Savaris



Sem Título | 2021 | acrílica e esmalte sintético sobre tela | 50 x 70 cm | coleção do artista





Sem Título | 2021 | acrílica sobre tela | 80 x 60 cm | coleção do artista

Sem Título | 2021 | acrílica e esmalte sintético sobre tela | 50 x 70 cm | coleção Laelia Tonhozi







Pág. anterior > **Sem Título** | 2021 | acrílica e esmalte sintético sobre tela | 50 x 70 cm | coleção do artista
Sem Título | 2025 | acrílica sobre tela | 30 x 40 cm | coleção do artista







Pág. anterior > **Sem Título** | 2025 | acrílica sobre tela | 30 x 40 cm | coleção do artista

Sem Título | 2025 | acrílica sobre tela | 30 x 40 cm | coleção do artista





Sem Título | 2025 | acrílica sobre tela | 30 x 40 cm | coleção do artista

Sem Título | 2020 | acrílica, guache e caneta hidrográfica sobre papel | 29,5 x 42 cm | coleção do artista



Sem Título | 2020 | acrílica, guache e caneta hidrográfica sobre papel | 29,6 x 42 cm | coleção do artista





Sem Título | 2020 | acrílica, guache e caneta hidrográfica sobre papel | 29,5 x 40,6 cm | coleção do artista





Ronald Simon

Pág. anterior > **Sem Título** | 2020 | acrílica, guache, colagem e caneta hidrográfica sobre papel | 29,5 x 40,6 cm | coleção do artista
Sem Título | 2020 | acrílica, guache, colagem e caneta hidrográfica sobre papel | 29,4 x 40,3 cm | coleção do artista





Sem Título | 2020 | acrílica, guache, colagem e caneta hidrográfica sobre papel | 29,5 x 40,6 cm | coleção do artista



Sem Título | 2020 | acrílica, guache, colagem e caneta hidrográfica sobre papel | 29,6 x 40,6 cm | coleção do artista



Sem Título | 2020 | acrílica, guache, colagem e caneta hidrográfica sobre papel | 29,7 x 40,4 cm | coleção do artista



Sem Título | 2020 | acrílica, guache e caneta hidrográfica sobre papel | 29,7 x 40,6 cm | coleção do artista





Sem Título | 1993 | acrílica sobre tela | 80 x 100 cm | coleção do artista







Pág. anterior > **Sem Título** | 1993 | acrílica sobre tela | 80 x 100 cm | coleção do artista

Sem Título | 1993 | acrílica sobre tela | 80 x 100 cm | coleção do artista









ENTREVISTA

Eliane Prolik em conversa com Ronald Simon

Eliane Podemos iniciar conversando sobre sua infância e adolescência? O que você pode nos contar, tendo em vista a sua produção artística?

Ronald Passei em Maceió boa parte da minha infância e adolescência, dos 9 aos 19 anos. Voltei para Recife, onde nasci e morava a família de minha mãe, lá estudei para prestar vestibular e permaneci até o 2º ano da Escola de Belas Artes.

O que predominava na época, em Maceió, era uma pintura acadêmica de caráter regionalista, como em vários lugares do país. Interessante é que o cinema do início dos anos 1960 apresentava características de vanguarda e tínhamos mais acesso a ele do que às artes visuais.

Somente nos primeiros anos da Escola de Belas Artes no Recife, eu vim a ter maior conhecimento sobre a arte não acadêmica através de artistas (e seus ex-alunos) que ocupavam uma garagem no espaço da escola. Todos mais velhos do que eu, e que me mostravam, entre outras coisas, livros, discos (Jazz, Rolling Stones, etc.). Recordo de alguns nomes: Ismael Caldas, Jairo Arcoverde e Ipiranga Filho (escultor).

Eliane De que forma aconteceu sua aproximação com a arte?

Ronald Meu pai, Joffre Saint-Yves Simon, de origem francesa, foi engenheiro-arquiteto e esporadicamente pintava, ele me apresentou a arte através de seus livros. Em Maceió existem alguns projetos e construções de meu pai, ele deu aula na Faculdade de Engenharia e trabalhou para o estado de Alagoas.

Outra afinidade veio com minha tia Aurora Lima, irmã de minha mãe, uma talentosa artista vitralista e professora da Escola de Belas Artes de Pernambuco.

Eliane Como se deu a escolha por São Paulo? E o que você destaca da cidade junto ao seu cenário artístico das bienais, galerias precursoras, museus, etc.?

Ronald Minha ida a São Paulo ocorreu em 1969, logo em seguida ao falecimento de meu pai. Eu tinha amigos estudantes na USP, que conhecia desde Recife. Convivi com o pessoal de esquerda e alguns militantes, como meu irmão mais velho, representante da liga camponesa, apesar de não ter tido vida de campo, mas eu nunca fui militante. Isso para comentar que peguei os anos de chumbo em São Paulo.

No entanto, minha decisão pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo não foi acertada, porque o foco dessa formação era o ensino artístico e não a arte em si. A única professora que se distanciava disso era Carmela Gross. Além de estudar, eu dava aula de educação artística na rede de ensino estadual para me manter. Acabei por estar mais próximo de estudantes e amigos da ECA da USP e do cinema.

Eu vi algumas bienais com a presença da arte conceitual e trabalhos com conteúdo politizado, que representavam o atrito existente naquele momento. Vi mostras das pinturas de Volpi e Maurício Nogueira Lima que me impactaram. Em 1974, participei do Salão Paulista de Arte Contemporânea com dois trabalhos em pintura, que considero um ponto de partida para o que vim a desenvolver depois. Esses trabalhos tinham uma delimitação e contraste entre áreas chapadas e esfumaçadas pelo uso de tinta spray.

Eliane Quando você se muda para Curitiba, se casa com Télia Negrão e, na metade dos anos 1980, também se anuncia uma reviravolta de abertura política do país, com o fim da ditadura. Como era a Curitiba dos anos 1980? Eu me recorro de vários momentos em que nos cruzamos na cidade que efervescia.

Ronald De São Paulo, eu vinha para Curitiba visitar o Fernando Alexandre, estudante de jornalismo da UFPR e amigo de infância, também colega da Télia Negrão, com quem depois vim a me casar quando voltei da Europa. Eu vivi em Londres, de 1975 a 1977, me dividindo entre trabalhos em restaurantes e visitar exposições, o que efetivamente foi também uma formação de minha visualidade. Nesta ocasião, conheci o trabalho de Jeremy Moon, minimalista e pintor inglês, que faleceu precocemente, e cuja obra merece ser melhor investigada ainda.

Télia me abriu caminhos em Curitiba, era jornalista da sucursal do Jornal do Brasil, com Jaime Lechinski, entre outros. Ela me apresentou o pessoal da cultura. Os anos 1980 mudam realmente o panorama artístico da cidade. Por exemplo, a exposição coletiva Caxa de Bixo, da qual participei com Rones Dunke, Paulo Leminski, Alice Ruiz, Solda, Rogério Dias e Rettamozzo, faz parte dessa transformação.

Eliane Em 1982, sua mostra individual na sede da FCC recebe texto de Reinaldo Jardim, jornalista e poeta neoconcretista carioca, que trabalhava nos jornais locais com interesse pelas artes visuais. Ele polemizou seu trabalho geométrico-abstrato junto a referências populares. E, também, para o coletivo de artistas do evento Moto Contínuo, do qual eu participei, ele apoiou e oportunizou um encarte do jornal Moto Contínuo, como ação pública de arte.

Dito isto, como você percebe essa mistura ou infiltração pop na prática de sua pintura? Pois há um outro lado ligado ao ofício de pintor.

Ronald **Reinaldo Jardim percebia que meus trabalhos se apropriavam da cor da arquitetura popular das casas de madeira paranaenses, nos verdes, azuis, rosas e amarelos. E eu utilizei muitos materiais diferentes de tinta, como esmaltes sintéticos e acrílicos de todos os usos cotidianos.**

Eliane Diante da tela branca, como você define sua ação? Você não faz estudos, há alguma ideia ou sensação perceptiva que te norteia? Você é movido por procedimentos instantâneos de forma-cor?

Ronald **O espaço e a cor em resposta um ao outro na ação pictórica me norteiam. Quanto ao meu trabalho, não há relação com qualquer movimento artístico fundamentado em uma construção racional, uma estrutura previamente dada.**

Eu parto de um espaço – aquele único determinado dentro da tela. As cores, as formas e os diversos tratamentos das superfícies vão surgindo por aproximação ou afastamento junto a esse espaço inicial do quadro. Mas, no processo, valorizo a mancha e o acaso.

Esse caminho também ocorre e é semelhante nas quase-paisagens, da série recente de 2021, onde a pintura se propõe em faixas ou áreas horizontais.

Quanto à escala das minhas obras, respeito a presença da cor e acredito que mesmo pequena ela aparece, porque ela fala.

Eliane Para além das pinturas, outra parte muito interessante da produção são os objetos ou relevos, produzidos desde 1987. Podemos colocá-los junto ao contexto da Geração 1980 e sua vivacidade e recortes “serrotes” coloridos? Analisando sua produção, os objetos

parecem intensificar uma vontade de alçar à espacialidade, e um deslocamento ativo desse espaço com a apropriação de vários materiais. Agrega-se cor em suportes de madeira reduzidos a recortes e conjuga-se a ele azulejos, cerâmicas, couro, etc. Você pode comentar o processo e a natureza desses objetos?

Ronald O desenvolvimento do trabalho na tela ou no papel difere daquele dos objetos, até por estar diante de um suporte branco com uma delimitação espacial, no caso da tela e do papel.

Nos objetos, a questão da forma dos elementos que os compõem, como madeira bruta, azulejos, pedaço de couro, etc., assim como as texturas, passam a ser "informações" sobre onde a cor será aplicada ou não.

Na verdade, no caso dos objetos, é o material que de certa maneira "indica", mais ou menos, a composição do trabalho, que será colado, pregado ou fixado enfim. São trabalhos que requerem olhares distintos na construção. Uma compreensão que tem uma superfície delimitada, branca, um vazio, que será "preenchido" por áreas de cor, no caso das telas e dos papéis. Enquanto os objetos são partes de materiais distintos, soltos, que serão reunidos com uma certa organização prévia, determinada pela cor e textura.

Entrevista realizada em junho de 2025.

RONALD SIMON

Ronald Yves Simon nasce no Recife, Pernambuco, em 1947. Vive e trabalha em Curitiba, Paraná, desde 1978. Sua formação em artes plásticas se inicia na então Escola de Belas Artes de Pernambuco, e segue com a conclusão de sua graduação na Faculdade de Belas Artes de São Paulo, em 1972. Já em Curitiba, em 1992, realiza sua pós-graduação em metodologia em arte educação pela Faculdade de Artes do Paraná, onde também atua como professor de pintura, de 1991 a 2017. Entre 1985 e 2007 leciona, ainda, composição e pintura no Museu Casa Alfredo Andersen. Entre seus alunos estão artistas como Cleverson Salvaro, Fabio Noronha, Gabriele Gomes e Luiz Lavalle.

De 1995 a 2002 exerce a direção do Centro Juvenil de Artes Plásticas do Paraná, e de 2011 a 2015, do Museu Casa Alfredo Andersen. Entre 2015 e 2018, atuou no setor de documentação e pesquisa do Museu de Arte Contemporânea do Paraná, onde realizou a curadoria de diversas mostras do acervo, a exemplo de: *A Cor no Espaço/O Espaço na Cor* (2016), e *Anos 60/70: Um Panorama*, entre outras.

Simon apresenta sua produção artística em inúmeros eventos e mostras. Dentre suas principais exposições individuais estão: *Pinturas Estruturas*, na Galeria Casa da Imagem (2019); *Arquitetura da Cor*, no Museu de Arte Contemporânea do Paraná (2009); Museu Cerqueira Cesar, em São Carlos (2002); *Pinturas Recentes*, no Museu Casa Alfredo Andersen e Museu de Arte de Joinville (2000); Museu de Arte Contemporânea do Paraná (1993); Galeria de Arte Banestado, em Curitiba e Londrina (1989 e 1990); *Pinturas/Estruturas*, na Sala Miguel Bakun (1988); *Pinturas Recentes*, na Galeria de Arte Banestado (1986); Galeria Caixa de Criação (1984); Fundação Cultural de Curitiba (1982) e Galeria de Arte CCBEU (1980). Já dentre suas principais participações em exposições coletivas estão: *Mostra Internacional de Mini print*, no Museu da Gravura Cidade de Curitiba (2025); *Sou Patrono – Aquisições*, no Museu Oscar Niemeyer (2022); *Pintura e Docência*, no Museu Casa Alfredo Andersen (2022); PR/BR, no Museu Oscar Niemeyer (2013); *O Estado da Arte*, no MON (2010); *Diálogos de um Acervo: Museu na Escola*, no MON (2009); *Arte Paranaense/Contrapontos*, no Museu Metropolitano de Arte de Curitiba (2001); *Suite Volland Picasso: Uma interpretação Paranaense*, no Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Museu de Arte de Santa Catarina e Museu de Arte de Goiânia; *Artistas Contemporâneos do Paraná*, no Museu Guido Viaro (2001); *Paraná/Multiculturalismo*, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (1994); *Salão Paranaense* (1985, 1982, 1980, 1979 e 1978); *1º e 2º Jovem Arte Sul*, em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre (1983); Prêmio no *6º Salão de Arte do Iguaçu* (1992); *Caxa de Bixo*, na Fundação Cultural de Curitiba e *3º Salão Nacional de Artes Plásticas* (1980).



Carlos Massa Ratinho Junior
Governador do Estado do Paraná

Darci Piana
Vice-governador do Estado do Paraná

Luciana Casagrande Pereira
Secretária de Estado da Cultura

Elietti de Souza Vilela
Diretora-Geral da Secretaria de Estado da Cultura

André Avelino
Diretor de Memória e Patrimônio Cultural

Cauê Donato
Coordenador do Sistema Estadual de Museus

Fernanda Maldonado
Coordenadora de Comunicação

—
MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO PARANÁ

Diretora
Juliane Fuganti

Coordenação de Acervo
Joanes Barauna

Coordenadora do Centro de Pesquisa e Documentação
Crislene Bueno de Carvalho Galdino

Coordenadora do Setor Educativo
Kamila Kuromiya

Comunicação
Amanda Renaly

Residentes Técnicos
Guilherme Felipe Ritter

Estagiários
Mateus Francisco Kramer Sens
Yasmin Munhoz Tobias de Moraes
Gabriel Rodrigo Santos
Júlia Feacher Garcia
Heloisa Gurkievicz dos Santos

RONALD SIMON

PINTURAS COMETIDAS

07 agosto a 02 novembro de 2025

EXPOSIÇÃO

Curadoria
André Rigatti
Eliane Prolik

Projeto Expográfico
Eliane Prolik

Produção e Pesquisa
Eliane Prolik

Assistentes de Produção e Pesquisa
Laís Gomes
Leopoldo Aks

Fotografia
Gilson Camargo
Leopoldo Aks
Maringas Maciel

Design Gráfico
Eliane Prolik
Laís Gomes

Revisão
Laís Gomes

Projeto Educativo
ArteAtividade
Guilherme Brollo
Simone Carlberg

Montagem
Diego Duda
Juliano Carneiro

Iluminação
Paíol da Luz

Agradecimentos
Daniel Pires, Divaldo Bolsareli, Humberto Imbrunizio, Imagem Brasil, Rogério Couto, Signo Adesivos e Zandoná e Lucietto Advogados

CATÁLOGO

Editoria e Produção
Eliane Prolik

Pesquisa
André Rigatti
Eliane Prolik
Laís Gomes
Leopoldo Aks

Fotografia
Gilson Camargo
Leopoldo Aks
Maringas Maciel

Design Gráfico
Eliane Prolik
Laís Gomes

Revisão
Arthur Aroha
Laís Gomes

REALIZAÇÃO



MUSEU DE ARTE
CONTEMPORÂNEA
DO PARANÁ



PRODU  O













MUSEU DE ARTE
CONTEMPORÂNEA
DO PARANÁ